



# **Trindade: Fundamento da sinodalidade**

*Trinity:  
Foundation of synodality*

*Joaquim Jocélio de Sousa Costa*

## **Resumo**

Deus é Trindade, é comunhão. Essa é a base da fé cristã que não é mera aceitação de verdades, mas adesão a Deus mesmo. Crer num Deus que é Trindade traz implicações profundas para o próprio modo de configurar a vida cristã. Mas, infelizmente, a prática cristã é bem pouco imbuída e configurada pela Trindade que é, afinal, modelo e princípio do ser cristão. Logo, por não haver um agir consequente com a fé na Trindade é que se vive de forma tão pouco fraterna, onde a comunhão é debilitada, o autoritarismo é forte, o cuidado com os pobres é superficial. Daí tanta resistência à sinodalidade. Por isso, o presente trabalho deseja mostrar que a Trindade é o fundamento da sinodalidade e que ser Povo de Deus que caminha junto não é assimilação forçada de regimes democráticos, mas resposta ao Deus comunhão no qual cremos, pois a Trindade é o modelo e princípio da comunhão eclesial.

**Palavras-chave:** Trindade. Deus Comunhão. Sinodalidade. Práxis trinitária.

## **Abstract**

God is Trinity, he is communion. This is the basis of the Christian faith, which is not mere acceptance of truths, but adherence to God himself. Believing in a God who is Trinity has profound implications for the own way of configuring the Christian life. But unfortunately, Christian practice is very little

imbued and configured by the Trinity, which is, after all, the model and principle of being a Christian. Therefore, because there is no action that is consistent with faith in the Trinity, people live in such an unfraternal way, where communion is weakened, authoritarianism is strong, care to the poor is superficial. Hence so much resistance to synodality. Therefore, the present work wants to show that the Trinity is the foundation of synodality and that being the People of God walking together isn't a forced assimilation of democratic regimes, but a response to the God communion in which we believe, because the Trinity is the model and principle of ecclesial communion.

**Keywords:** Trinity. God Communion. Synodality. Trinitarian praxis.

## Introdução

“O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. E, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina”.<sup>1</sup> Mesmo assim, não tiramos as devidas consequências para nossa vida de fé. Karl Rahner já demonstrava essa preocupação ao escrever que “poderíamos, portanto, arriscar a afirmação de que, se o dogma trinitário tivesse que ser eliminado como falso, a maior parte da literatura religiosa poderia, neste processo, permanecer quase inalterada”.<sup>2</sup> Mas não só a literatura, a práxis cristã é bem pouco trinitária. Assim, é justamente por não sermos consequentes com nossa fé na Trindade que encontramos tanta resistência a conversão sinodal que Deus nos pede através do Papa Francisco.

O Deus que cremos, em sua pedagogia divina, foi se revelando ao longo da história da salvação como um Deus compassivo, clemente, rico em misericórdia, que caminha com seu povo mesmo quando este é “cabeça dura” (Ex 34,4b-6.8-9). O Senhor se revelou um Deus próximo a ponto de estar no meio do povo lutando a seu lado (Dt 4,32-34.39-40). Sua sabedoria estava junto a Ele desde a criação como “mestre de obras” e se alegrando em estar entre os filhos de Adão (Pr 8,22-31). Esse Deus amoroso cuja sabedoria se alegra em estar na humanidade fez sua morada definitiva em Jesus Cristo, encarnado na

---

<sup>1</sup> CEC 234.

<sup>2</sup> RAHNER, K., Método e estrutura do tratado “De Deo Trino”, p. 285.

periferia de Nazaré na Galileia, no meio dos pobres; e por Jesus prometeu estar conosco até o final dos tempos dando a missão de fazer discípulos e batizar em seu nome, Ele que é Pai e Filho e Espírito Santo (Mt 28,16-20). O próprio Jesus é a prova que Deus amou tanto o mundo que nos deu seu Filho Único, não para condenar o mundo, mas para salvar (Jo 3,16-18). Por isso, nos enviou o Espírito da Verdade para nos conduzir a plena verdade, falando o que ouviu, mostrando que tudo que é do Pai é do Filho (Jo 16,12-15). Por isso, só estando unidos num mesmo pensar, viveremos a paz e acolheremos a graça de Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo (2Cor 13,11-13). Compreendemos que por Jesus temos acesso a graça de estar em paz com Deus e nos gloriarmos na esperança da sua glória, esperança que nos veio pelo amor do próprio Deus derramado em nossos corações pelo Espírito (Rm 5,1-5). Afinal, é o Espírito que nos faz filhos (e não escravos) de Deus, nos fazendo seus herdeiros e coerdeiros em Cristo, unidos a ele no sofrimento e na glorificação (Rm 8,14-17).

Partindo desse Deus amoroso que se revelou ao seu povo e caminhou com ele é que desejamos com este trabalho mostrar que a Trindade é o fundamento da sinodalidade e, conseqüentemente, ser Igreja sinodal é resposta a nossa fé no Deus Uno e Trino. Num primeiro momento, trataremos a comunhão trinitária como perfeita comunhão sinodal, a partir da distinção didática feita pela tradição teológica entre Trindade Imanente e Trindade econômica, evidenciando que esse Deus que é comunhão em si faz também comunhão com seu povo. Num segundo momento, abordaremos as conseqüências para vida cristã da fé nesse Deus Comunhão, a partir da resposta que vem de uma práxis trinitária que nos leva a ser Igreja Sinodal e ao mesmo tempo nos faz sinal de sinodalidade no mundo caminhando junto aos oprimidos.

## **1. A perfeita comunhão sinodal**

“Deus não é solidão. É comunhão de três pessoas divinas. Portanto, a Primeira e Última realidade é relação, é extravasamento de si mesmo, é vida e amor”.<sup>3</sup> Muitas vezes esquecemos desse dado básico e fundamental da fé. cremos num Deus comunhão, num Deus que é comunidade, que caminha junto (é sinodal). Isso muda tudo, transforma tudo, subverte tudo. Precisamos

---

<sup>3</sup> BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 13.

conhecer e assumir nossa fé num Deus Uno e Trino. Só assim seremos verdadeiramente Igreja Sinodal.

### 1.1. A comunhão dos três

Na reflexão sobre a Trindade, já muito cedo, “os Padres da Igreja distinguem entre a ‘*Theologia*’ e a ‘*Oikonomia*’, designando com o primeiro termo o mistério da vida íntima do Deus-Trindade e com o segundo todas as obras de Deus por meio das quais ele se revela e comunica sua vida”,<sup>4</sup> foi o que posteriormente se chamou Trindade Imanente e Trindade Econômica, respectivamente. Essa distinção, contudo, não pode ser entendida de forma rígida como se houvesse uma separação, pois, é “mediante a ‘*Oikonomia*’ que nos é revelada a ‘*Theologia*’; mas, inversamente, é a ‘*Theologia*’ que ilumina toda a ‘*Oikonomia*’. As obras de Deus revelam quem Ele é em si mesmo e, inversamente, o mistério de seu Ser íntimo ilumina a compreensão de todas as suas obras”.<sup>5</sup>

Primeiro, é preciso entender que a Trindade não é um problema matemático (como três são um?), mas é a forma cristã de nomear Deus. Essa forma de compreendê-lo foi gradualmente se dando na história da revelação. Deus sempre foi Trindade, mesmo que nem sempre tenha sido compreendido assim. Só a partir de Jesus Cristo e do envio do Espírito Santo é que aos poucos a comunidade de fé foi compreendendo cada vez mais o Deus que se revelou. Não pretendemos nesse trabalho fazer um percurso da história do dogma trinitário, mas apenas recordar que foi um longo caminho de desafios, percalços, alegrias, vitórias, tudo dentro de um contexto histórico marcado por todos os aspectos que lhe são próprios.

Na formulação dessa verdade de fé, foram utilizados tantos conceitos e compreensões bíblicas quanto termos oriundos da filosofia grega. Por exemplo,

A Igreja utiliza o termo “substância” (traduzido também, às vezes, por “essência” ou por “natureza”) para designar o ser divino em sua unidade, o termo “pessoa” ou “hipóstase” para designar o Pai, o Filho e o Espírito Santo em sua distinção real entre si, e o termo “relação”

---

<sup>4</sup> CEC 236.

<sup>5</sup> CEC 236.

para designar o fato de a distinção entre eles residir na referência de uns aos outros.<sup>6</sup>

Essas expressões procuram tanto a unidade na Trindade quanto sua diversidade. Não se trata de três deuses, pois há apenas uma natureza/substância. Deus é Uno. Mas esse Deus Uno também é Trino, três distintas pessoas/hipóstases com características próprias, mas um único Deus. A partir dessa compreensão é que se falou de processões: o Pai é o ingênito (não-gerado), o Filho é Unigênito (o único gerado pelo Pai desde a eternidade) e o Espírito é espirado pelo Pai e pelo Filho. Igualmente em Deus acontece o que a tradição chama de pericórese, ou seja, a inabituação das Pessoas divinas, o que significa que cada Pessoa inabita as outras e é inabitada por elas. A pericórese expressa a relação dos Divinos Três de modo que um não pode ser entendido sem os demais: “O Pai em relação ao Filho possui a paternidade; o Filho em relação ao Pai possui a filiação; Pai e Filho em relação ao Espírito Santo possuem a espiração ativa; o Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho possui a espiração passiva”.<sup>7</sup>

Embora não seja tão simples, essa compreensão de Deus diz muito sobre Ele. Um Deus que é comunhão assim, que é uma perfeita Unidade mesmo sendo também uma Diversidade; um Deus onde cada pessoa inabita as demais e vive sempre em relação de igualdade com as outras; um Deus onde não há hierarquia, onde um não subordina os demais; um Deus assim é profundamente novo sendo que foi sempre o mesmo. Isso porque nossa visão de Deus não leva a sério tudo isso e por essa razão, mesmo a fé cristã, que é justamente trinitária, ignorou as consequências dessa concepção e utilizou Deus para justificar as hierarquias e desigualdades na terra. Como observa Leonardo Boff, a concepção de um Deus único sem mais, sem a consequente compreensão de que é Uno, mas também é Trino levou ao totalitarismo político (um só Deus, um só rei, um só manda), ao autoritarismo religioso (um só Deus, um só representante dele, um só decide em seu nome), paternalismo social (um só Deus que deve fazer tudo pelo povo e este só espera por Ele) e machismo familiar (um só Deus que é homem justificando a superioridade masculina).<sup>8</sup> Mas é claro que essas são apenas distorções sobre Deus que para ser bem

---

<sup>6</sup> CEC 252.

<sup>7</sup> BOFF, L., *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 62.

<sup>8</sup> BOFF, L., *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*, p. 31-32.

compreendido precisa ser visto a partir da sua autorrevelação na história, de forma plena em Jesus.

## 1.2. Um deus que caminha junto com seu povo

Depois de falar um pouco da Trindade Imanente (Deus em si mesmo), seguiremos falando da Trindade Econômica (Deus para nós). E de início é preciso destacar que tudo o que sabemos de Deus é o que Ele revelou ao longo da história da salvação, por isso, essa distinção é didática, afinal, o que sabemos da Trindade Imanente só se dá por meio da Trindade Econômica, ou seja, da autorrevelação de Deus na história. Nesse sentido é que afirma Rahner: “a Trindade ‘econômica’ é a Trindade ‘imaneente’ e vice-versa”.<sup>9</sup> Com essa afirmação, Rahner quer expressar que o conteúdo da revelação é o próprio Deus e que o revelado é o que Deus é nEle mesmo e não mera imagem. Afinal, se o revelado não fosse Deus mesmo, não seria autêntica revelação. Além do mais, “a preocupação fundamental que o faz chegar ao conhecido princípio é mostrar que a Trindade é um mistério salvador (mais ainda, é o mistério salvador por excelência)”.<sup>10</sup> Isso liga fundamentalmente a Trindade e a salvação, pois esta é a finalidade da revelação dAquele. Deus se revelou porque quer que todos se salvem, ou seja, participem da sua vida divina. “A finalidade última do homem está na glorificação do Deus uno e trino e em ser acolhido na vida plena da Trindade... Dessas características do Deus uno e trino deriva nossa salvação, que é nossa relação com ele e a participação na sua vida”.<sup>11</sup>

Contudo, esse axioma de Rahner sofreu alguns questionamentos, principalmente porque alguns viram como um caminho que poderia levar a compreensão que o mistério de Deus seria esgotado se houvesse essa identificação sem mais entre Trindade Imanente e Trindade Econômica.

Yves Congar (\*1904) pergunta: “Na Trindade econômica revela-se a Trindade imaneente. No entanto, revela-se ela por completo?”. E Hans Urs von Balthasar (+ 1988) adverte contra uma mera identificação da Trindade imaneente com a econômica, pois nesse caso “a imaneente e terna Trindade de Deus” estaria ameaçada de “diluir-se na Trindade

---

<sup>9</sup> RAHNER, K., Método e estrutura do tratado “De Deo Trino”, p. 293.

<sup>10</sup> LADARIA, L. F., A Trindade, p. 11.

<sup>11</sup> LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 373-374.

Econômica, em palavras mais claras, Deus estará sendo absorvido no processo do mundo e somente por meio dele chegaria a si mesmo”.<sup>12</sup>

Não é nossa intenção desenvolver aqui essa problemática. Contudo, só gostaríamos de destacar que o axioma ajuda não só a valorizar que o que foi revelado por Deus dEle mesmo corresponde a quem Ele é, mas também ligar essa revelação com a intenção divina de participarmos de sua vida. Contudo, é importante também destacar que a Trindade Imanente não se esgota na Trindade Econômica, mesmo sendo revelada nela.

A questão fundamental é que Esse Deus Uno e Trino foi se revelando paulatinamente, segundo sua divina pedagogia até a compreensão que se chegou da Trindade. Ele se autocomunicou para nos levar a participar da sua vida divina, ou seja, para nos salvar e na história da Salvação, cada Pessoa Divina desempenha uma missão específica, contudo, jamais sozinha. O Pai cria o mundo por amor (Gn 1-2), escolhe um povo através de Abraão (Gn 12), liberta sua gente da opressão (Ex 1-15), dá sua instrução e lhe acompanha nas intempéries da vida. Por sua vez, é “a missão do Filho/do Logos para a ‘carne’, para a solidariedade com os homens, que o deixa assumir pecado e morte e compartilhar o destino dos homens até o fim”, e diante dessa total doação, é “o Pai que ressuscita o Filho no Espírito, supera, com sua ilimitada capacidade e vontade de se relacionar, a hostilidade relacional do pecado e a interrupção de todas as relações na morte”.<sup>13</sup> E “a abertura do evento relacional intratrinitário para os seres humanos acontece no Espírito Santo” que “é enviado para estabelecer ‘a comunhão dos filhos de Deus, o corpo universal do único Filho feito homem’”.<sup>14</sup>

Nenhuma Pessoa divina age só, pois “toda a economia divina é obra comum das três pessoas divinas. Pois da mesma forma que a Trindade não tem senão uma única e mesma natureza, assim também não tem senão uma única e mesma operação”.<sup>15</sup> Isso quer dizer que, embora a própria Escritura nos ajude a entender a missão própria de cada Pessoa da Trindade, a ação na história salvífica é sempre ação das três Pessoas. Por isso, compreendemos que “toda a vida cristã é comunhão com cada uma das pessoas divinas, sem de modo algum

---

<sup>12</sup> WERBICK, J., Doutrina da Trindade, p. 472.

<sup>13</sup> WERBICK, J., Doutrina da Trindade, p. 501.

<sup>14</sup> WERBICK, J., Doutrina da Trindade, p. 503.

<sup>15</sup> CEC 258.

separá-las. Quem rende glória ao Pai o faz pelo Filho no Espírito Santo; quem segue a Cristo, o faz porque o Pai atrai e o Espírito o impulsiona”.<sup>16</sup> Por isso, entender o agir sinodal de Deus Uno e Trino na Economia da salvação nos ajuda a respondermos adequadamente a nossa missão que deriva justamente da Trindade.

## 2. Crer num Deus Comunhão

Deus se autocomunica a humanidade para fazê-la participar da sua vida divina. Essa humanidade responde a Deus por meio da fé com o auxílio da graça que Ele mesmo oferece. Mas o que significa crer num Deus Comunhão? Como ser consequente com a fé num Deus que é Uno e Trino? Como viver essa resposta? Como ela se dá?

### 2.1. A resposta sinodal do homem e da mulher

Deus que se revelou ao povo de muitos modos, nos últimos tempos se revelou plenamente em seu Filho Jesus Cristo (Hb 1,1). Alguns acreditaram que Jesus de fato agia em nome do Pai, por isso, em Cristo formou-se a comunidade dos seus discípulos, isto é, a Igreja. Essa comunidade tem seu fundamento na própria Trindade. “A Igreja é, pois, ‘o povo unido pela unidade mesma do Pai, do Filho e do Espírito Santo’”.<sup>17</sup> Essa concepção de Igreja é valiosíssima, sobretudo, nesses tempos de reflexão sobre sinodalidade. Quando se fala em efetiva participação de todos os batizados, não faltam os que, por medo de perder poder e privilégios, imediatamente repetem o refrão: “mas a Igreja não é democracia”. A questão é que de fato não é. A Igreja não se identifica com nenhum regime político. Contudo, se ela não é democracia, muito menos é monarquia, como tantos desejam que seja e como são configuradas tantas de suas estruturas.

A Igreja é povo de Deus em comunhão, em unidade entre si e com a Trindade. Isso é mais que qualquer democracia. Pois num regime democrático, as questões são decididas a partir da opinião da maioria; na Igreja, as decisões se dão a partir da Trindade, a partir de Deus e sua Palavra revelada. Contudo, a reflexão a partir da Palavra não pode ser monopólio de alguns, mas deve ter a

---

<sup>16</sup> CEC 259.

<sup>17</sup> LG 4.

participação efetiva de todos os cristãos que pelo batismo foram consagrados à Trindade, recebendo o Espírito para fazer a vontade do Pai seguindo os passos de Jesus. Por isso, “este é o mistério sagrado da unidade da Igreja, em Cristo e por Cristo, na variedade das funções, fruto da ação do Espírito Santo. A realização suprema e o primeiro exemplar deste mistério é a unidade mesma de um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, na trindade das três pessoas”.<sup>18</sup> A diversidade em Deus fundamenta a diversidade eclesial (carismas e ministérios) assim como a comunhão divina é o fundamento da comunhão eclesial.

O papa Francisco retoma a mesma questão, ao dizer que “através destas duas palavras (comunhão e missão), a Igreja contempla e imita a vida da Santíssima Trindade, mistério de comunhão *ad intra* e fonte de missão *ad extra*”,<sup>19</sup> afirma que “a prática da sinodalidade, tradicional, mas sempre renovada, é a realização, na história do Povo de Deus a caminho, da Igreja como mistério de comunhão, à imagem da comunhão trinitária”.<sup>20</sup> Assim, a sinodalidade não é um simples desejo de um papa ou mero procedimento, mas está fundamentada no próprio mistério da Trindade. Por isso, assumimos que “se Deus significa três Pessoas divinas em eterna comunhão entre si, então devemos concluir que nós também, seus filhos e filhas, somos chamados à comunhão. Somos imagem e semelhança da Trindade”.<sup>21</sup> Isso precisa ser bem compreendido e assumido, pois é resposta consequente de nossa fé. A participação efetiva de todos os batizados e batizadas não é querer imitar os sistemas democráticos, mas é viver segundo a Trindade que cremos.

Quanto mais a Igreja beber de sua fonte eterna que é a comunhão trinitária, pela qual os três Distintos se unificam e são um só Deus, tanto mais ela superará as divisões internas, deixará de ser clerical e laical e se transformará num espaço de relações igualitárias num Povo de Deus, de verdadeiros irmãos e irmãs no serviço do Reino da Trindade.<sup>22</sup>

Se na Trindade há comunhão e nenhuma Pessoa domina sobre as demais, nenhuma se eleva sobre as outras, no povo de Deus também deve ser assim.

---

<sup>18</sup> UR 2.

<sup>19</sup> FRANCISCO, PP., Momento de Reflexão para o início do Percurso Sinodal, 09 de outubro de 2021.

<sup>20</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional, 29 de novembro de 2019.

<sup>21</sup> BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 23.

<sup>22</sup> BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 74.

“Isto deve ser bem compreendido: todos são protagonistas. O protagonista já não é o Papa, o Cardeal vigário, os Bispos auxiliares; não: somos todos protagonistas, e ninguém pode ser considerado um mero figurante”.<sup>23</sup> Contudo, o que se constata é que,

Essa definição teológica básica da essência da unidade da Igreja como imagem da pericorética comunhão essencial do Pai e do Filho e do Espírito Santo, todavia, até agora não levou nem a uma definição equilibrada da relação de elementos hierárquicos e comunitários na constituição da Igreja, nem a uma prática eclesial orientada mais em koinonia, diálogo e consenso do que em decretos de autoridade.<sup>24</sup>

Isso porque, dentre tantas razões, parece que por analogia as grandes distorções sobre a Trindade também reaparecem de outra forma sobre Igreja. Basta citarmos três heresias: triteísmo, modalismo e subordinacionismo. O triteísmo afirmava que havia três deuses e não um só; essa é sem dúvida uma das formas mais fáceis de imaginar a Trindade, mas igualmente errada. Muito sutilmente, assumimos às vezes essa visão gerando triteísmo eclesial: grupos que se identificam mais com o Pai (onde muitas vezes predominam a imagem de um Deus rígido, severo), outros com o Filho (gerando um cristomonismo que dá mais ênfase ao estrutural, dogmático-racional que ao experiencial e místico) e outros com o Espírito (caindo no risco de um espiritualismo desencarnado e separado da vida de Jesus).<sup>25</sup>

Já o modalismo afirmava que Deus era uma única pessoa que assumia como que a máscara ou o modo do Pai ao criar; aparecia como Filho para salvar e como Espírito para santificar. Um modalismo eclesial pode se dar, por exemplo, quando uma única autoridade decide tudo, mas faz parecer que outros decidiram também, usa a imagem dos outros, mas é a mesma pessoa por trás de tudo e que controla tudo. Por exemplo,

Às vezes há algum elitismo na ordem presbiteral, que a separa dos leigos; e, no fim, o padre torna-se o “patrão da barraca” e não o pastor de toda uma Igreja que está avançando. Isto requer a transformação de certas visões verticalizadas, distorcidas e parciais sobre a Igreja, o

---

<sup>23</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos fiéis da Diocese de Roma, 18 de setembro de 2021.

<sup>24</sup> WERBICK, J., Doutrina da Trindade, p. 508.

<sup>25</sup> CODINA, V., Prioridade teológico-pastoral da pneumatologia hoje, p. 69-86.

ministério presbiteral, o papel dos leigos, as responsabilidades eclesiais, as funções de governo, etc.<sup>26</sup>

O subordinacionismo, por sua vez, defendia que o Filho e o Espírito no final das contas eram subordinados ao Pai. O subordinacionismo eclesial é mais fácil de identificar, pois a visão de Igreja que predomina é de que “uns mandam e outros obedecem”. Não é à toa que o Papa Francisco recorda que “dentro dela (da Igreja) ninguém pode ser ‘elevado’ acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja, é necessário que alguém ‘se abaixe’ pondo-se ao serviço dos irmãos ao longo do caminho”.<sup>27</sup> Essa inversão muda os parâmetros, reverte a lógica de subordinação e dá lugar ao serviço, à comunhão. Mas essa compreensão sinodal, fruto da própria comunhão com a Trindade, não é bem aceita.

Há muitas resistências em superar a imagem de uma Igreja rigidamente dividida entre líderes e subordinados, entre os que ensinam e os que têm de aprender, esquecendo que Deus gosta de inverter posições: ‘Derrubou os poderosos dos seus tronos, elevou os humildes’ (Lc 1,52), disse Maria. Caminhar juntos evidencia como linha mais a horizontalidade do que a verticalidade. A Igreja sinodal restaura o horizonte a partir do qual o sol Cristo surge: erguer monumentos hierárquicos significa cobri-lo.<sup>28</sup>

Contudo, apesar de tanta resistência, tanto medo de perder privilégios, tanto medo de se lançar profundamente na lógica trinitária, não há outro caminho a partir do Evangelho para sermos Igreja.

Se, entretanto, partimos de que a Santíssima Trindade é a melhor comunidade, de que a comunhão dos divinos Três faz com que eles sejam um só Deus, então veremos que nasce outro tipo de Igreja. Ela é fundamentalmente comunidade. Cada um possui suas características próprias e seus dons, mas todos vivem em função do bem de todos. Surge uma comunidade com diversidades que são respeitadas e valorizadas como expressão da riqueza da comunhão da própria Trindade... Na Trindade o que faz a união dos divinos Três é a

---

<sup>26</sup> FRANCISCO, PP., Momento de Reflexão para o início do Percurso Sinodal, 09 de outubro de 2021.

<sup>27</sup> FRANCISCO, PP., Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015.

<sup>28</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos fiéis da Diocese de Roma, 18 de setembro de 2021.

comunhão entre eles e a completa entrega de uma Pessoa às outras. Da mesma forma deve ocorrer na Igreja: superando a centralização do poder e distribuindo-o entre todos é que surge a unidade dinâmica, reflexo da união trinitária.<sup>29</sup>

## 2.2. Ser no mundo sinal da trindade

O Deus Uno e Trino que se autocomunicou a seu povo não buscou simplesmente encher seu povo de verdades sobre Ele. Sua revelação, como já foi dito, tinha como objetivo a salvação do povo, que não é apenas a vida depois da morte como se costuma crer, mas é participação na vida divina, o que já se dá nesse mundo quando se vive a vontade de Deus e quando há vida e vida em abundância (Jo 10,10).

A revelação de Deus na história do povo se deu mostrando proximidade em meio aos desafios e opressões, vitórias e conquistas. Deus viu a opressão do povo no Egito e desceu para libertá-los, enviou seu Espírito aos profetas que denunciaram as injustiças sofridas pelos oprimidos. Deus enviou seu Filho Unigênito para que ungido pelo Espírito anunciasse a Boa nova aos pobres (Lc 4,18-19) e o Reino que é dos pobres (Mt 5,3; Lc 6,20), revelasse que a verdadeira salvação, a verdadeira participação no Reino (a vida eterna) passa pelo serviço ao irmão caído (Lc 10,25-37), por dar tudo aos pobres (Mc 10,17-31), e que se trata de servir a Ele mesmo nos pobres (Mt 25,31-46). Por isso, crer no Deus que é Trindade, comunhão de amor, não é simplesmente viver um consenso entre os cristãos e uma participação nas decisões eclesiais. Trata-se de um caminhar juntos que é fraternidade e solidariedade fundamentalmente com os pobres e oprimidos. Não há comunhão sem solidariedade, sem partilha, sem se importar com os problemas do mundo. Caso contrário, seria negar o Deus que se envolve com os problemas da humanidade. Por isso, “que ninguém diga: ‘Não sei o que amar’. Que ele ame o seu irmão e estará amando o próprio Amor... Sim, tu a vês, a Trindade, se vês a caridade”.<sup>30</sup>

Crer num Deus Trindade, que é Comunhão, que caminha junto com a humanidade sofredora é fazer nossa caminhada eclesial junto aos pobres, é ser Igreja em saída para as periferias. Nesse sentido, falando desse caminho sinodal (2021-2023) e da própria sinodalidade, o papa Francisco afirma:

---

<sup>29</sup> BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 99-100.

<sup>30</sup> AGOSTINHO, A Trindade, VIII, 12.

“Mas, Padre, o que está a dizer? Os pobres, os mendigos, os jovens toxicodependentes, todos estes que a sociedade descarta, são parte do Sínodo?”. Sim, caro, sim, cara: não o digo eu, é o Senhor quem o diz: são parte da Igreja. A ponto que, se não os chamarmos, veremos o modo, ou se não os procurarmos para estar algum tempo com eles, para ouvir não o que dizem, mas o que sentem, até os insultos que nos dirigem, não estamos a fazer bem o Sínodo. O Sínodo vai até aos limites, inclui todos.<sup>31</sup>

Assim, “quanta concórdia, quanta alegria e quanta justiça não haveria neste nosso mundo se assumíssemos, no pensar e no atuar, a lógica trinitária: sempre inclusiva, sempre envolvente, sempre comunitária, sempre acolhendo as diferenças e impedindo que elas se transformem em desigualdades”.<sup>32</sup> Exatamente por isso, “Deus escolheu a comunhão dos crentes para retratar o mistério da trindade divina na História, a fim de que a história da humanidade seja percebida sempre mais com nitidez crescente como caminho para a *communio* escatológica dos irmãos e das irmãs de Jesus com seu Pai divino no Espírito Santo”.<sup>33</sup> Por isso, a Trindade é o modelo e princípio da comunhão eclesial, da Igreja sinodal e da sociedade mais igual. Assim,

Como Igreja que “caminha junta” com os homens, compartilhando as dificuldades da história, cultivamos o sonho de que a redescoberta da dignidade inviolável dos povos e da função de serviço da autoridade poderá ajudar também a sociedade civil a edificar-se na justiça e na fraternidade, gerando um mundo mais belo e mais digno do homem para as gerações que hão-de vir depois de nós”.<sup>34</sup>

## Conclusão

A compreensão de Deus como Trindade, comunhão na diversidade, teve um processo que é resultado da própria pedagogia divina em sua autocomunicação na história. Mas apesar da doutrina trinitária ter se consolidado

---

<sup>31</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos fiéis da Diocese de Roma, 18 de setembro de 2021.

<sup>32</sup> BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 92.

<sup>33</sup> WERBICK, J., Doutrina da Trindade, p. 509.

<sup>34</sup> FRANCISCO, PP., Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015.

nos primeiros séculos, ainda hoje não assumimos as consequências desse que não é só o dogma mais fundamental, mas o próprio coração da vida cristã. Crer num Deus que é Trindade é aderir a Ele e essa adesão é a busca de fazer a vida segundo Ele. Se Deus é Uno e Trino (comunidade sinodal), a sinodalidade (caminhar juntos) não é uma moda ou mero procedimento, mas como expressou Francisco, é “dimensão constitutiva da Igreja”,<sup>35</sup> “não é o capítulo de um tratado sobre eclesiologia, e muito menos uma moda, um slogan ou um novo termo a ser usado ou instrumentalizado nos nossos encontros. Não! A sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão”.<sup>36</sup>

Logo, ou somos Igreja sinodal, Igreja segundo a Trindade, ou não respondemos devidamente a nossa fé. É a partir da Trindade que defendemos a igual dignidade de todos os cristãos, que a diversidade de ministérios não constitui superioridade de uns sobre outros; que a Igreja clerical e monárquica não responde ao desejo de Deus que é comunhão. Ser Igreja sinodal é ser Igreja segundo a Trindade. Negar isso é não ser consequente com o dogma mais fundamental da fé. Caminhemos, pois, todos juntos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a Santíssima Trindade, que é a melhor comunidade.

## Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, L. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CODINA, V. Prioridade teológico-pastoral da pneumatologia hoje. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 44, Número 122, p. 69-86, jan./abr. 2012.

---

<sup>35</sup> FRANCISCO, PP., Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015.

<sup>36</sup> FRANCISCO, PP., Discurso aos fiéis da Diocese de Roma, 18 de setembro de 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* Sobre a Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II**: Mensagens, Discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-244.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo. CONCÍLIO VATICANO II. In: **Vaticano II**: Mensagens, Discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 259-276.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos fiéis da Diocese de Roma**, 18 de setembro de 2021. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>>. Acesso em: 07 de out. 2021.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional**, 29 de novembro de 2019. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco\\_20191129\\_commissione-teologica.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191129_commissione-teologica.html)>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

FRANCISCO, PP. **Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos**, 17 de outubro de 2015. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)>. Acesso em: 03 de out. 2021.

FRANCISCO, PP. **Momento de Reflexão para o início do Percorso Sinodal**, 09 de outubro de 2021. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>>. Acesso em: 10 de out. 2021.

LADARIA, L. F. **A Trindade**: mistério de comunhão. São Paulo: Loyola, 2009.

LADARIA, L. F. **O Deus vivo e verdadeiro**: O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

RAHNER, K. Método e estrutura do tratado “De Deo Trino”. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. (Orgs.). **Mysterium Salutis**: compêndio de dogmática histórico-salvífica. Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica. A história salvífica antes de Cristo: Deus Uno e Trino. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 284-310. V. II/1.



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2022v2n3p3

WERBICK, J. Doutrina da Trindade. In: SCHNEIDER, T. **Manual de Dogmática volume II**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 429-511.

***Joaquim Jocélio de Sousa Costa***

Graduando em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza

Fortaleza / CE – Brasil

E-mail: joaquimjocelio@gmail.com

Recebido em: 25/04/2022

Aprovado em: 30/05/2022